

Alc #1

Estabilidade

CAZETA MERCANTIL

divide os

19 JAN 1988

sindicalistas

por Célia Rosembum
de São Paulo

A Central Geral dos Trabalhadores (CGT) está em crise. Um encontro nacional, que deverá reunir em São Paulo, no próximo dia 30, cerca de mil sindicatos filiados à entidade, convocado para definir o calendário de atividades para 1988, corre o risco de se transformar em troca de acusações entre as correntes ligadas ao PC do B e ao PCB, de um lado, e ao secretário de Relações Internacionais da entidade, Antônio Rogério Magri, de outro. O presidente da CGT, Joaquim dos Santos Andrade, que faz restrições às posturas políticas dessas facções, tentará uma conciliação.

As posições político-sindicais defendidas por Magri, que é presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, são o centro das divergências. Ao lado do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio de Medeiros, ele tem defendido junto a parlamentares constituintes a substituição da estabilidade no emprego, pretendida pela CGT, pela garantia contra a dispensa imotivada, assegurada por multa de 50% do FGTS vinculado.

A pauta dos debates in-

clui a análise sobre a possibilidade de filiação da CGT à Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres (CIOSL), de tendência social-democrata. Magri, que dirige o Instituto Cultural do Trabalho (ICT), entidade patrocinada pela American Federation of Labour — Congress of Industrial Organizations (AFL-CIO), simpática à CIOSL, defende a ligação. O PC do B é contra, pois "a CIOSL é um instrumento do monopólio norte-americano e europeu", conforme definiu um sindicalista.

"Nossas posições são antagônicas. Não existe possibilidade de contemporização", diz Sérgio Barroso, primeiro-secretário da CGT, ligado ao PC do B. Os sindicalistas desta corrente estão se preparando para um confronto e realizam um levantamento dos bens pessoais de Magri. "Tudo o que tenho é uma casa, com o sacrifício de meu trabalho", defende-se Magri.

Barroso acredita que, ao final do encontro, o secretário de Relações Internacionais será desautorizado de falar em nome da CGT. "Eles não podem desautorizar uma coisa que nunca fiz. Falo em nome da minha categoria", disse Magri.

(Ver página 13)